

EMPREENDEDORISMO NEGRO: dificuldades enfrentadas e estratégias adotadas por empreendedores negros em uma cidade de médio porte do interior baiano

RODRIGO BARBOSA VIEIRA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

ALMIRALVA FERRAZ GOMES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

RITA DE CÁSSIA OLIVEIRA LIMA ALVES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

EMILLY SENA SILVA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

DANIELA SILVA CARVALHO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecemos a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia pelo suporte e conhecimento transmitido durante a construção deste artigo.

EMPREENDEDORISMO NEGRO: dificuldades enfrentadas e estratégias adotadas por empreendedores negros em uma cidade de médio porte do interior baiano

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é a capacidade de criar novas oportunidades de mercado ou inovar algo já existente, objetivando não somente a geração de lucros, como também o melhoramento contínuo. Trata-se do empoderamento de um indivíduo com ideias e atitudes, que anseiam a satisfação econômica e pessoal, garantindo plena liberdade de segurança e estabilidade ao indivíduo (SCHUMPETER, 1985; MARTES, 2010; BOAVA; MACEDO, 2007). No entanto, nos últimos anos, o empreendedorismo passou a assumir a sua condição mais intensamente como ferramenta de combate ao desemprego, inclusive, para o grupo de pessoas autodeclaradas pretas e pardas (OLIVEIRA JÚNIOR; PESSETI, 2020).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021a), estima-se que a população brasileira é composta por 213,3 milhões de pessoas. Desse total, 54% se autodeclararam pretos ou pardos. Tal percentual representa cerca de 115,1 milhões de brasileiros. Embora os pretos representem a maioria populacional, estudos apontam que há um alto índice de desigualdade em vários âmbitos, inclusive e sobretudo, o socioeconômico. Ainda segundo IBGE (2021a), pretos e pardos ganham 58% da renda dos brancos.

Estudos do IBGE (2021b) demonstram que pretos ou pardos possuem o dobro do índice de pobreza que os brancos. Em outras palavras, são considerados em situação de extrema pobreza 7,4% para pretos e pardos contra 3,5% para brancos e pobres para 31,0% de pretos e pardos contra 15,1% de brancos. Pode-se afirmar, com isso, que é notório a desigualdade racial no Brasil, pois, desde os primórdios, os pretos são vistos sob olhar de inferioridade (MARINGONI, 2011). No período da escravidão, encontravam-se em posição de subordinação, inclusive, sofrendo maus tratos. Na contemporaneidade, ainda sofrem distinção decorrente do racismo estrutural enraizado na sociedade (CAMPOS, 2018). Essa desigualdade é notada não somente na disposição de vagas no mercado, mas também na remuneração desse grupo.

Segundo IBGE (2021b), o mercado de trabalho é majoritariamente branco em cargos com rendimentos superiores à média salarial. Apesar de representar 45,6% do total de trabalhadores formais, os denominamos brancos possuem maior representatividade em cargos relacionados à saúde, finanças, educação e administração pública. Desta maneira, o empreendedorismo negro permite a busca pela ascensão do preto no mercado em um cenário em que são desvalorizados e precarizados constantemente. Neste sentido, empreender pode ser compreendido como uma estratégia de combate à fragilidade socioeconômica da população negra.

Embora o empreendedorismo possibilite oportunidades de mercado para os pretos e pardos, ainda há dificuldades a serem enfrentadas. Tais dificuldades são principalmente sociais e econômicas, decorrentes do racismo estrutural. Diante do exposto, este trabalho buscou analisar os desafios enfrentados e as estratégias adotadas por empreendedores negros em Vitória da Conquista, terceira cidade da Bahia, embora considerada média pelo IBGE (2010). É constituída de uma população declarada majoritariamente parda e negra (66%). De acordo com a Região de Influência de Cidades (REGIC/IBGE, 2018), Vitória da Conquista é a capital regional de uma área que abrange aproximadamente oitenta municípios baianos e dezesseis no norte de Minas Gerais, o que totaliza uma população de mais de dois milhões de habitantes.

Para tanto, o presente artigo está organizado em sete seções. A primeira trata-se desta introdução. A segunda discute a Desigualdade Racial e a terceira trata do Empreendedorismo e Empreendedorismo Negro. A quarta parte expõe os procedimentos metodológicos adotados. A quinta, sexta e sétima partes discutem os resultados da investigação e a última apresenta as considerações finais.

DESIGUALDADE RACIAL

Não se pode iniciar essa discussão sem que seja abordado o tema raça. O conceito de raça possui dois vieses que variam de acordo com a área de pesquisa. Para a Biologia, raça diz respeito a subdivisão de uma espécie, enquanto para a Sociologia trata-se de uma construção social. Em outras palavras, para a Sociologia, raça é o estabelecimento das relações pessoais entre pretos e brancos (PINHO; SANSONE, 2008; HOFBAUER, 2003).

No entanto, Aguiar (2007) destaca que, após o período do holocausto nazista, estudiosos das áreas da Sociologia e Biologia fizeram grande esforço para que o conceito de raça fosse banido. As discussões giravam em torno da crença de que a cor da pele e outros aspectos físicos não implicam em fatores determinantes de qualidade de um povo em detrimento de outro. Partindo dessa consideração, o conceito de cultura passou a ser mais adequado para definir as diferenças humanas. Entretanto, o conceito de raça segue sendo utilizado em estudos sobre a temática.

Levando-se em conta esses dois vieses, Zamora (2012, p. 564) aponta que “raça é um operador social que continua a produzir efeitos, sendo usada para agregar indivíduos e grupos que compartilham certos aspectos físicos observáveis e ajuda a determinar uma atitude negativa frente a eles”. Partindo desse pressuposto, permite-se dizer que a desigualdade entre as raças ocorre através da classificação de grupos por características físicas como cor da pele e feições, estabelecendo-se grau de superioridade entre eles. Com isso, origina-se, então, o racismo.

Para o prosseguimento desta discussão, torna-se pertinente compreender o racismo e sua evolução histórica. Segundo Zamora (2012, p. 565), “O racismo consiste na ideia de que algumas raças são inferiores a outras, atribuindo desigualdades sociais, culturais, políticas, psicológicas, à raça e, portanto, legitimando as diferenças sociais a partir de supostas diferenças biológicas”. Em decorrência, tem-se uma relação hierárquica entre raças.

Essa hierarquia, no Brasil, surge no período da colonização. Junto à chegada dos portugueses no território brasileiro, perpetuou-se a crença de que os povos colonizados eram uma raça inferior e, por esse motivo, estavam fadados ao subdesenvolvimento (ALMEIDA, 2019). Com o intuito de impor uma supremacia branca no Brasil, no período de colonização, houve uma onda de miscigenação, ou seja, estimulou-se a relação sexual entre indivíduos de raças distintas, o que deu origem a diversidade de cores existentes neste país (HOFBAUER, 2003).

No Brasil, os pretos e pardos são tidos como minoria, embora os números demonstrem que, na verdade, diz respeito a maioria da sua população, 54% (IBGE, 2021b). Esse grupo sofre diariamente com o racismo que, em muitos casos, passa despercebido aos olhos da sociedade. Nunes (2006, p. 96) aponta que “Apesar do discurso que nega ou ameniza a presença do preconceito e da discriminação racial no país, não é difícil ver manifestações de racismo no dia-a-dia da vida social brasileira”. Embora alguns estudiosos discordem (OSORIO, 2021; NUNES, 2006), pode-se dizer que o racismo no Brasil é velado.

Essas práticas perpetuaram-se com o tempo, dando origem ao que denominamos hoje de racismo estrutural. O racismo estrutural se dá com a normalização do negro como raça inferior.

Para Almeida (2019), racismo estrutural consiste no que é percebido estruturalmente em âmbitos políticos, econômicos, sociais e relações cotidianas decorrentes do processo histórico de desvantagens e privilégios a determinados grupos. A partir do debate sobre racismo, tem-se a fomentação das reflexões sobre desigualdade racial.

A discussão sobre desigualdade ocorre desde o início dos estudos sobre relações humanas e a visão de inferioridade sobre determinados grupos. No Brasil, esses estudos se intensificaram a partir da segunda metade do século XX (OSORIO, 2008), quando a raça se tornou fator determinante para impulsionar tal desigualdade, denominada desigualdade racial.

Para Almeida (2019, p. 23), a desigualdade racial nada mais é do que a “atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”. Deste modo, a desigualdade promove a discrepância de oportunidades e acessos decorrentes da etnia de determinado indivíduo. A desigualdade racial, portanto, tornou-se fator limitante para a ascensão da população preta e parda, sobretudo no mercado de trabalho.

Corroborando com esse pensamento, Henriques (2001, p. 5) afirma que “A intensa desigualdade racial brasileira, associada a formas usualmente sutis de discriminação racial, impede o desenvolvimento das potencialidades e o progresso social da população negra”. Trata-se de um impedimento da ascensão de pretos ou pardos. A desigualdade entre raças pode ser observada, hoje, no acesso às oportunidades do sistema capitalista como educação, economia, segurança e saúde (CAMPOS, 2018).

Atualmente, a temática é discutida não somente pela academia, como também pela sociedade. “A desigualdade entre brancos e negros é hoje reconhecida como uma das mais perversas dimensões do tecido social no Brasil” (THEODORO *et al.*, 2008, p. 131). As práticas racistas, sobretudo no mercado de trabalho, seguem sendo banalizadas, em alguns momentos, passam despercebidas pela sociedade (OSORIO, 2008; ALMEIDA, 2019). “Da forte concentração de renda no segmento mais rico da sociedade [...]. Os negros frequentam a riqueza do país, mas são participantes minoritários. Os brancos são mais ricos e mais desiguais. Os negros, mais iguais e mais pobres” (HENRIQUES, 2001, p. 49).

Segundo pesquisas do IBGE (2021b) sobre a ocupação no mercado de trabalho por raça, pretos ou pardos ocupam 53,5% do total de brasileiros empregados formalmente. Entretanto, é observado que, dentre as atividades realizadas, os pretos e pardos ocupam justamente as que possuem rendimentos inferiores à média salarial. Esses indivíduos aparecem em destaque nas atividades voltadas para agropecuária, construção e serviços domésticos. Os dados confirmam que pretos e pardos são marginalizados.

No entanto, a discussão sobre desigualdade racial no Brasil vai além da distribuição de renda, uma vez que abrange também pautas como segurança, saúde e educação. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2022), os pretos e pardos representam 84,10% da mortalidade causada por intervenção policial. Quando se fala sobre saúde, pode-se afirmar a existência de um abismo racial, em que pretos sofrem racismo, antes mesmo de seu nascimento. Com isso, pode-se afirmar que existe uma hierarquização das relações sociais e de acessos (PINTO, 2021; FUNASA, 2005).

Deste modo, torna-se necessário que haja comprometimento do Estado perante a população negra, garantindo maior efetividade na implementação de políticas públicas existentes. Para tanto, Souza (2005) afirma que, para que haja efetividade na execução dessas políticas, faz-se necessário o entendimento acerca da hierarquização da desigualdade. Dentre as abordagens

existentes para promover a igualdade racial e socioeconômica, o empreendedorismo surge como uma ferramenta importante para a comunidade preta superar as barreiras da desigualdade racial, impulsionando a criação de negócios e a geração de renda, conforme será discutido na próxima seção.

EMPREENDEDORISMO E EMPREENDEDORISMO NEGRO

O empreendedorismo é compreendido como o resultado da iniciativa empreendedora. É impulsionado pela concretização de oportunidades decorrentes de negócios rentáveis, que agregam valor à sociedade por meio do envolvimento de pessoas, processos, recursos materiais e motivadores (CUNHA; SILVA; YAMAGUCHI, 2011).

Embora seja um tema complexo pela sua amplitude, a maioria dos pesquisadores conceitua o empreendedorismo como uma ação inovadora, em que se transforma ideias em oportunidades (SCHUMPETER, 1985; DORNELAS, 2008). O empreendedorismo, portanto, age como catalisador de mudanças para o meio em que se está inserido. A ação de empreender impacta não somente a vida de quem empreende, mas de toda a sociedade. Deste modo, o empreendedorismo cria oportunidades e configura o modo de vida daqueles que estão à sua volta (BOAVA; MACEDO, 2017). Para o *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2020, p. 19), estudo de abrangência mundial, o empreendedorismo diz respeito a “qualquer tentativa de criação de um novo empreendimento, como por exemplo: uma atividade autônoma, uma nova empresa ou a expansão de um empreendimento existente”.

Ao estudar o empreendedorismo, Julien (2010) identificou quatro tipologias de empreendedores: replicação, imitação, valorização e aventura. O empreendedor de replicação busca conforto e está satisfeito em reproduzir ideias existentes com uma gestão tradicional. Permite-se revolucionar apenas em situações reativas. O empreendedor de imitação não se preocupa em criar um valor significativo, mas é fortemente influenciado pela inovação. O empreendedor de valorização concentra-se no desenvolvimento de rotinas de gestão e na garantia da fidelidade dos clientes, adotando estratégias ativas para promover mudanças e elevar o nível dos serviços prestados. Já o empreendedor de aventura assume mais riscos e atribui grande importância à inovação. No entanto, é importante ressaltar que um indivíduo não pode ser rigidamente classificado em uma única tipologia, pois ele pode apresentar características de diferentes tipologias dependendo do cenário.

Apesar de ser comum a discussão sobre as motivações que levam os indivíduos a empreenderem, como por exemplo o empreendedorismo por oportunidade ou necessidade, entende-se que essa discussão é válida, mas pode ser considerada insuficiente. Desta maneira, torna-se pertinente, também, abordar o conceito de ação empreendedora. Para Schumpeter (1985) e para Dornelas (2008), o empreendedorismo se dá com a capacidade de inovar. Para além do empreendedorismo como o indivíduo inovador, Gomes (2010, p. 102) apresenta o empreendedorismo como ação, distanciando a ideia do sujeito como centro do fenômeno. A ação empreendedora “deixa de lado o empresário encarado isoladamente como um empreendedor, em prol da ação, seja de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos ou de instituições que interagem entre si em um dado contexto socioeconômico”.

Pressupõe-se que a discussão acerca do empreendedorismo ocorre desde os anos 1990. No entanto, em 2020, decorrente do início da pandemia COVID-19, essa discussão foi intensificada. Com a alta do desemprego, a busca pelo empreendedorismo exacerbou-se como ferramenta de inserção no mercado de trabalho e geração de renda (SEBRAE, 2021). Em 2022, segundo o Ministério da Economia, foi registrada a abertura de mais de 1,3 milhão de empresas

no país no primeiro quadrimestre. Considerando que 808.243 empresas se mantiveram abertas e 541.884 empresas foram fechadas nos primeiros quatro meses do ano, o saldo é considerado positivo (BRASIL, 2022).

Tendo em vista então que o número de empreendimentos criados por homens, mulheres, brancos, pardos e negros no Brasil tem crescido, torna-se relevante estudar esses negócios, inclusive, a presença do negro no empreendedorismo tem se tornado cada vez mais representativa. Segundo Aguiar, Nassif e Garçon. (2021, p. 2), “Nos anos 1990 a 2017, houve um grande avanço da participação dos negros no empreendedorismo no Brasil.” Em 2017, a pesquisa realizada pela GEM indicou que 38,8% dos empreendedores eram negros, enquanto 32,2% eram brancos. Entretanto, há uma discrepância quanto ao rendimento desses empreendedores, 58% dos empreendedores negros possuem rendimentos de até 2 salários mínimos contra 36% dos empreendedores brancos. Esses dados representam, na prática, a desigualdade racial existente no Brasil, bem como os motivos que levam negros a empreenderem. Os números demonstram que a maioria dos negros empreendem por necessidade, enquanto a maioria dos brancos empreendem por oportunidade.

Considerando todo o contexto histórico do preto no Brasil, é possível observar que, desde os primórdios, essa população é marginalizada e desassistida pelo sistema socioeconômico. Campos (2018) aponta que, no Brasil, a população afro foi lesada de forma coletiva. Ademais, ressalta que ascender de maneira socioeconômica, individualmente, não é fácil. Deste modo, a ação coletiva se torna fundamental para o fortalecimento e ascensão da população preta.

Com isso, o empreendedorismo negro surge como um meio em que os pretos encontram para alcançar melhores oportunidades no mercado de trabalho. Vale salientar que o empreendedorismo negro está relacionado à ação de empreender protagonizada pelos indivíduos autodeclarados como negros (SILVA, 2017). Essa inserção no mercado, de maneira autônoma, permite que o preto ocupe espaços que são majoritariamente brancos.

O empreendedorismo negro é visto como uma das principais atividades para desenvolvimento socioeconômico do Brasil, através da criação de micro e pequenas empresas por empreendedores pretos (VILLAVERDE, 2014 *apud* CAMPOS, 2018). Tendo em vista que se apresenta como uma das principais estratégias que o preto tem para inserção no mercado, o empreendedorismo negro no país permite a criação de empregos e renda para milhões de cidadãos pretos.

Embora o foco deste estudo seja o empreendedorismo negro, faz-se necessário distingui-lo de afroempreendedorismo. Esses movimentos se diferem quanto ao tipo de negócio desenvolvido. De um lado, empreendedorismo negro destaca indivíduos afro que abrem seu negócio sem qualquer finalidade étnico racial (OLIVEIRA JÚNIOR; PESSETI, 2022; NASCIMENTO, 2018). Por outro, o afroempreendedorismo refere-se ao indivíduos autodeclarados pretos ou pardos que abrem negócios objetivando valorizar e propagar a identidade negra. Para Nascimento (2018, p. 6), para que seja considerado afroempreendedorismo “[...] o afroempreendedor tenha que ser autodeclarado preto ou pardo, produzir e oferecer serviços que estejam relacionados com a valorização da identidade estética/cultural africana e afro-brasileira”.

Tanto o afroempreendedorismo quanto o empreendedorismo negro, antes de serem considerados meio de aumento da autoestima da população preta (MONTEIRO, 2001), tratam-se também de ferramentas de combate ao racismo e à desigualdade racial existente no Brasil e no Mundo. Para Nascimento (2018, p. 1), “o afroempreendedorismo é compreendido como uma

estratégia de enfrentamento à vulnerabilidade econômica e social da população negra, o segmento social mais afetado pelas transformações do mercado de trabalho.”

No Brasil, o empreendedorismo negro ganhou notoriedade em 2013 através do estudo “Os Donos do Negócio no Brasil”, realizado pela SEBRAE. Nesse estudo, apresenta-se um recorte temporal por raça/cor de empreendedores brasileiros entre 2001-2011. Este levantamento apresenta o crescimento de 29% no número de empreendedores negros, neste período, e demonstra que houve um aumento de 37% no faturamento desses indivíduos. “Nesse mesmo período, o número dos que se declaravam pretos e pardos cresceu 29%, passando de 8,6 milhões para 11,1 milhões de pessoas” (SEBRAE, 2013, p. 10).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a presente pesquisa, optou-se pela pesquisa teórico-empírico do tipo descritivo-exploratório, uma vez que objetiva compreender os desafios enfrentados por empreendedores negros em Vitória da Conquista, considerada a terceira maior cidade da Bahia, com 370.668 mil habitantes (IBGE, 2022). O município se destaca por ser um polo educacional, abrigando diversas instituições de ensino superior público e privado, o que atrai estudantes de várias partes do país. Ainda se destaca economicamente com o quinto PIB da Bahia, o que representa 2,3% do PIB estadual (PMVC, 2023). Ademais, a técnica de pesquisa utilizada foi estudo de caso, uma vez que se propôs a investigar um “um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real” sem a definição clara “entre o fenômeno e o contexto” (YIN, 2005, p. 32).

A população desta pesquisa diz respeito aos empreendedores negros da cidade de Vitória da Conquista. Deste modo, optou-se por uma amostra não-probabilística de tipologia intencional, utilizando a técnica de *snowball*, que se trata da indicação em nomes de respondentes finais por respondentes iniciais, criando uma espécie de rede de contatos. Essa técnica é utilizada em populações tidas como raras (MALHOTRA, 2001; OLIVEIRA, 2011). A população amostral desta pesquisa iniciou-se com quatro informantes escolhidos intencionalmente pelo pesquisador e cinco em decorrência da técnica de amostragem *snowball*, de diferentes segmentos de mercado. Chegou-se a um total de nove entrevistados. Os participantes desta pesquisa foram convidados a tomar parte dela após tomarem conhecimento sobre seu teor e assinarem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

O instrumento de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Com a finalidade de otimizar o tempo, as entrevistas foram realizadas de forma presencial e também através do ambiente virtual *Google Meet*, bem como através do aplicativo de mensagens *Whatsapp*. Os encontros duraram em média 26 minutos. Para que houvesse assertividade na transcrição das respostas, as entrevistas foram gravadas sob autorização prévia dos entrevistados.

Os dados coletados receberam tratamento qualitativo, uma vez que se considerou seu caráter subjetivo e se buscou interpretar e associar as narrativas escritas ou faladas à luz do referencial teórico. As informações obtidas através das entrevistas realizadas, portanto, receberam tratamento qualitativo, após transcrição. Afim de ofertar uma possibilidade melhor de visualização dos dados, utilizou-se o *software Gephi 0.9.7* para estruturação e visualização de redes complexas.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

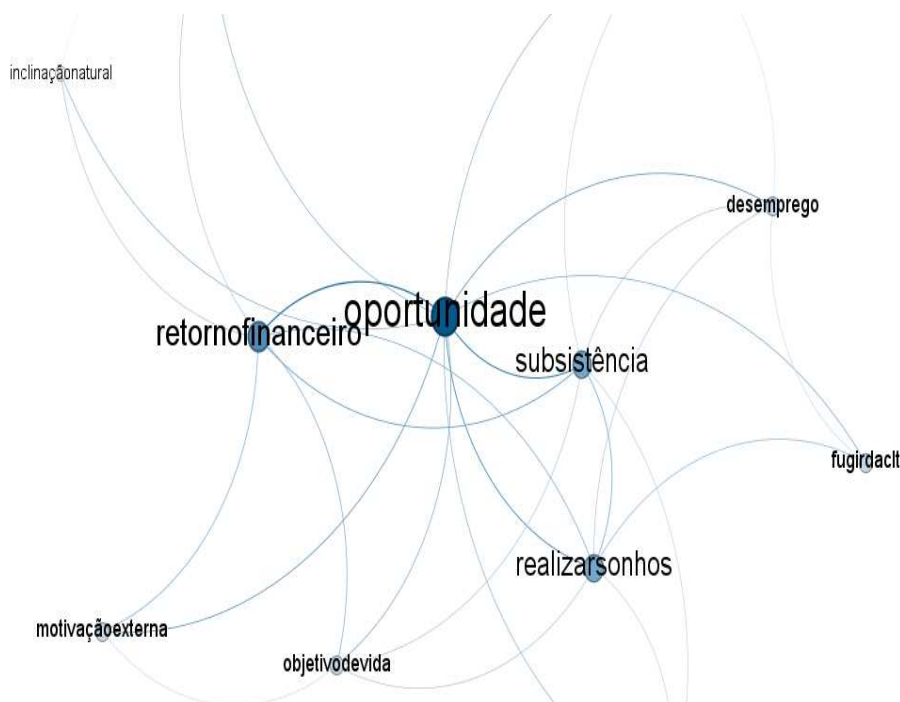
De acordo com Boava e Macedo (2007), o empreendedorismo, em muitos casos, surge como uma alternativa para complementar a renda ou até mesmo se tornar a fonte de renda principal do indivíduo. Para a análise da trajetória profissional desses empreendedores, foram

consideradas tanto as experiências profissionais em regimes anteriores quanto a experiência no empreendedorismo.

A partir dos dados coletados, é possível afirmar que a maior parte dos participantes possui histórico profissional prévio em regime de CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas – em empresas privadas do município de Vitória da Conquista e também em órgãos públicos, por meio de concursos públicos. De acordo com as informações obtidas por meio das entrevistas, em um total de nove entrevistados, a maior parte dos participantes, representada por seis entrevistados, declarou ter tido experiência anterior no mercado de trabalho, enquanto a minoria afirma não possuir qualquer experiência prévia.

Quando indagados sobre as razões que os levaram a empreender, os entrevistados apresentaram respostas diversas, no entanto, a oportunidade e retorno financeiro foram as respostas de maior incidência, conforme Figura 1. Tal motivação é prevista na literatura por Boava e Macedo (2007). É possível dizer, com base na pesquisa de campo, que o empreendedorismo desempenha um papel importante como ferramenta de geração de renda.

Figura 1 – Motivos do empreendedorismo.



Fonte: Organizado pelos autores com suporte do *Software Gephi 0.9.7* (2023).

Dos entrevistados, quatro afirmaram que a motivação para empreender se deu tanto por necessidade quanto por oportunidade, enquanto três disseram que a criação do seu negócio ocorreu exclusivamente por necessidade e dois afirmaram que empreenderam exclusivamente por oportunidade. De acordo com o Entrevistada 5, a necessidade e a oportunidade estão intrinsecamente ligadas no que se refere à iniciativa empreendedora.

Eu acho que a necessidade e a oportunidade andam de mãos dadas, porque tem a necessidade da gente pagar as contas, né? Eu estava nesse processo recém-formado, precisando melhorar minha renda e tudo mais, e a oportunidade veio com essa lacuna que meu amigo me ofereceu [...] (ENTREVISTADA 5, mulher, 29 anos, 2023).

Ao discutirmos a necessidade de empreender, é possível perceber que essa ação está diretamente relacionada à obtenção de renda, enquanto a oportunidade é justificada pelos fatores que levaram os indivíduos a empreender. Em ambos os casos, o empreendedorismo se justifica por uma série de fatores, a exemplo da insatisfação com o mercado de trabalho tradicional, a identificação de uma demanda de mercado que ainda não foi atendida, ou, até mesmo, pela busca de autonomia e realização pessoal.

Diante o discurso dos entrevistados, ao serem questionados sobre a criação de seus negócios por necessidade ou oportunidade, é possível notar que, mesmo que os entrevistados tenham afirmado que sua iniciativa empreendedora foi motivada pela oportunidade, trata-se da identificação de uma oportunidade por necessidade. A ideia de empreendedorismo por oportunidade apontada no discurso dos entrevistados difere do estudo de Vale (2014), que descrevem o empreendedorismo por oportunidade como aquele em que não há preocupação com o bônus do reconhecimento social. Nos depoimentos, a iniciativa empreendedora dos participantes visa o reconhecimento social.

Outro fator que pode ser destacado é a motivação em empreender como estratégia para driblar o racismo estrutural e explícito presente na sociedade brasileira. No decorrer das entrevistas realizadas, foram coletados vários relatos que apontaram para a relação existente entre raça e empreendedorismo.

[...] não vou mentir para você que empreender, quando eu te falei no começo, que empreender sempre foi um sonho antigo, é porque eu sempre tive medo de prestar serviço para alguém, de trabalhar em alguma loja, de trabalhar em algum... Ser funcionária, sabe? Não que, sendo empreendedora, eu estou livre, mas, sendo funcionária, eu tinha medo de ser destrutada. Desde mais nova, eu nunca cogitei essa possibilidade (ENTREVISTADA 5, mulher, 29 anos, 2023).

Almeida (2019), ao discutir o racismo estrutural, argumenta que este refere-se a um fenômeno que se origina do processo histórico de desvantagens atribuídos a população preta. Pode-se dizer que, em tempos de maior acesso à informação, a desigualdade racial ainda é um problema na sociedade contemporânea. Pretos e pardos ainda enfrentam desafios diários relacionados à desinformação, preconceito e racismo, tanto explícito, quanto estrutural. Nesse sentido, o empreendedorismo surge como uma ferramenta importante de combate à desigualdade racial e econômica, permitindo que empreendedores pretos e pardos enfrentem as diversas vulnerabilidades sociais e econômicas impostas em seu cotidiano.

Com base nos dados analisados, bem como nos estudos de Dornelas (2008) sobre o auto-emprego, é possível afirmar que a maioria dos indivíduos desta amostra possui experiências anteriores no mercado de trabalho, motivados ora pela desvalorização da mão de obra, ora pela baixa remuneração, ao iniciarem uma atividade empreendedora a fim de valorizar o seu trabalho e aumentar a sua remuneração. A partir da pesquisa realizada pelo IBGE (2021a) sobre ocupação do mercado de trabalho, sabe-se que, de modo geral, o mercado de trabalho brasileiro exige mais do que reconhece financeiramente os trabalhadores. Entretanto, o impacto para indivíduos pretos e pardos é potencializado em decorrência da sua raça.

DIFICULDADES ENFRENTADAS POR EMPREENDEDORES NEGROS

Indivíduos pretos e pardos, em sua maioria, crescem cercados por dificuldades que os acompanham por praticamente toda a vida, perpassando de geração a geração. Para empreendedores negros não é diferente. Desde a valorização do indivíduo como empreendedor até a entrega final do produto ou serviço, há uma série de dificuldades a serem enfrentadas. Os

entrevistados deste estudo, em sua totalidade, apontaram alguma dificuldade percebida ao longo da sua jornada como empreendedor.

Alguns dos entrevistados relataram que as dificuldades que enfrentam em suas trajetórias empreendedoras são decorrentes da desigualdade social. O Entrevistado 4, por exemplo, aponta a existência da disparidade social abrangente que está diretamente relacionada à forma como o empreendedor negro é percebido pela sociedade no município de Vitória da Conquista.

Nossa, com certeza a disparidade social que tem foi minha principal dificuldade, romper a barreira social porque pessoas que tem mais condições não contratam os serviços das pessoas com menos condições financeiras, não só pela diferença de classes sociais e da separação das classes, esse é um fator que pesa bastante, mas há exigências subjetivas que você precisa ter para atender determinado público, existe exigências no gênero, na orientação sexual, na raça, na classe [...] (ENTREVISTADO 4, homem, 26 anos, 2023).

O depoimento supracitado nos leva a crer que o empreendedor preto e pardo, antes de tudo, precisa se preocupar com a sua forma de apresentação à sociedade, para ser bem visto na hora de vender os seus produtos ou serviços. Ou seja, é algo potencializado pela raça.

É aquela coisa você tem que ir no cliente, tem que se arrumar em dobro, o seu cuidado ele tem que ser muito maior do que o de pessoas brancas que estão no mercado e mesmo assim ainda é muito difícil né e você se impor o tempo todo é muito difícil mas aí a gente vai tentando da forma que dá. (ENTREVISTADA 6, mulher, 38 anos, 2023).

Maringoni (2011), em sua discussão sobre desigualdade racial, destaca que, historicamente, o negro tem sido visto através de uma perspectiva de inferioridade. A partir dessa discussão, é possível afirmar que a imagem e a abordagem a ser utilizada se torna ferramenta primordial para acessar a bolha a qual este empreendedor pretende oferecer os seus serviços ou produtos e assim romper essa perspectiva de inferioridade. Em contribuição, o Entrevistada 9 considera que a sociedade conquistense é elitista e que, em Vitória da Conquista, especificamente, existe uma cobrança social muito latente.

Campos (2018), aponta que a população preta no Brasil é historicamente marginalizada. Após o período de escravidão, os negros retornaram à sociedade em situações precárias. Infelizmente, não foram implementadas políticas públicas voltadas para garantir uma reintegração que possibilitasse aos negros reconstruir sua própria história, como apontado por Nunes (2016) e Conceição (2010). Corroborando com essa fala, o Entrevistada 1 afirma que essas dificuldades passam de geração para geração.

[...] A raça negra tem essa dificuldade, meus pais por exemplo, não tiveram oportunidades, não puderam estudar, essas dificuldades vieram lá de trás, as oportunidades que o meu pai não teve por exemplo refletiram na minha formação. Eu precisei trabalhar desde cedo. Eu acho que indiretamente eu tive dificuldades relacionadas a minha raça. Eu não senti esse impacto pessoalmente, pela minha cor, nunca foi algo questionado que afetasse o meu trabalho, mas olhando para trás e para as coisas que eu passei ainda na infância sim, houveram dificuldades que estão atreladas a minha raça (ENTREVISTADA 1, mulher, 58 anos, 2023).

Outra questão importante que se destaca é a falta de reconhecimento do empreendedor negro. Durante as entrevistas, foi recorrente o discurso de que os empreendedores negros precisam constantemente provar seu valor no mercado empreendedor para serem valorizados. Vale ressaltar que esse reconhecimento, muitas vezes, está associado à questão financeira, como

indica pesquisa do IBGE (2021) que aponta que pessoas negras recebem remuneração inferior em comparação às pessoas brancas.

Eu acho que a minha maior dificuldade é, valorização do seu trabalho mesmo. Eu digo que é, porque eu fiz 2 faculdades eu “tô” no mercado a bastante tempo eu sei muito bem qual é o valor do meu trabalho mas é difícil essa relação com os clientes, por quanto eles querem pagar pelo seu trabalho sabe e eu acho também, não sei mas, você acha também que tá muito vinculado essa questão de cor de pele? Por eu ser a mulher preta eu acho que tá muito vinculado (ENTREVISTADA 6, mulher, 38 anos, 2023).

Além disso, também foram mencionadas dificuldades relacionadas a questões técnicas, como a precificação dos produtos ou serviços oferecidos e a gestão financeira do negócio. Rocha (2016) e Dornelas (2008) afirmam em seus estudos que a falta de conhecimento e capacitação ao iniciar uma atividade empreendedora influencia diretamente o desempenho do negócio.

Precificação é uma das coisas mais difíceis nessa minha trajetória. E ao mesmo tempo que eu te falei do reconhecimento que eu consegui, foi difícil de conseguir, sabe? Porque a precificação, o reconhecimento e a valorização andam de mãos dadas. E foi uma coisa muito complicada pra eu conseguir impor. Até hoje ainda é, mas tá bem mais difícil. Mais difícil não. É mais escasso, mais raro, as pessoas questionarem e não valorizarem. Porém, esse foi o mais difícil, porque me dava crise de ansiedade, me dava insegurança, eu achava que eu tava sendo errada no meu valor (ENTREVISTADA 5, mulher, 29 anos, 2023).

As dificuldades técnicas enfrentadas pelos empreendedores são atribuídas à falta de conhecimento no momento de iniciar um negócio, conforme apontado por Cunha, Silva e Yamaguchi (2011). Esse fato pode ser comprovado pelo relato da Entrevistada 8, que, quando questionado sobre a maior dificuldade enfrentada em sua jornada empreendedora, explicou: “A minha maior dificuldade era a falta de conhecimento. Então eu não sabia o que eu podia dentro do empreendedorismo, o que era acessível pra mim, o que era possível [...]”. A partir de falas como essa, foi possível observar que a maioria dos empreendedores pesquisados iniciou no empreendedorismo movido apenas pelo desejo, sem considerar todas as questões técnicas existentes na iniciativa empreendedora.

Observou-se também que as dificuldades apontadas estão direta e indiretamente relacionadas à raça. Indivíduos negros possuem dificuldades para o acesso a melhores oportunidades, inclusive no âmbito da educação. A partir dos estudos de Campos (2018), pode-se afirmar que a baixa escolaridade da população preta é reflexo da falta de implementação de políticas públicas para a reinserção do negro na sociedade após o período de escravidão. Ainda que existam políticas públicas, atuais, que visem a diminuição da desigualdade socioeconômica, como, por exemplo, a Lei de Cotas, a população preta possui dificuldade para acessar esses direitos, conforme apontado por Henriques (2001). Destaca-se ainda o desconhecimento dessas políticas por parte da população.

Apesar das dificuldades inerentes ao empreendedorismo negro, é importante destacar que elas não limitam a vontade nem diminuem a capacidade dos empreendedores. A determinação para alcançarem os seus objetivos é fundamental para a sobrevivência e a manutenção dos negócios empreendidos. A busca constante por capacitação e aprimoramento das suas habilidades, bem como a adoção de estratégias inovadoras, surgem como forma para superar os desafios que surgem pelo caminho, conforme discute a próxima seção.

ESTRATÉGIAS ADOTADAS POR EMPREENDEDORES NEGROS

Empreender é uma tarefa desafiadora e, diante dos diversos obstáculos que surgem, os empreendedores negros enfrentam uma série de desafios impostos pela raça que, muitas vezes, afetam negativamente o desenvolvimento do seu negócio. Para combater essas dificuldades, muitos empreendedores pretos e pardos desenvolvem estratégias específicas que lhes permitem enfrentar esses obstáculos de maneira mais eficaz. Alguns desses desafios estão diretamente relacionados à raça, enquanto outros estão ligados à falta de conhecimento específico.

Ao longo das entrevistas, foi possível notar que empreendedores negros enfrentam dificuldades de forma potencializada, porque muitos dos desafios mencionados estão relacionados diretamente à raça desses empreendedores, mesmo quando se tratam de questões específicas, como precificação ou agregação de valor ao serviço prestado. A maioria dos entrevistados destacou a educação como um dos principais aliados no combate a esses desafios.

Campos (2018) afirma que a desigualdade racial está relacionada, por exemplo, à falta de oportunidade que o empreendedor preto tem ao acesso à educação. O Entrevistado 4 afirmou que, para conseguir superar os desafios enfrentados em sua jornada empreendedora, inclusive aqueles relacionados à sua cor de pele, buscou adquirir conhecimento.

Fui estudar como que você consegue acessar as pessoas com esse nível de condições financeiras e sociais aí eu fui entender que o aspecto intelectual conta muito o aspecto imagem ético e o network aí eu encontrei nesses três aspectos o que eu precisava para furar essa bolha que eu vivia (ENTREVISTADO 4, homem, 26 anos, 2023).

Segundo o Entrevistado 4, a busca por conhecimento, em particular no que se refere à imagem pessoal, permitiu que ele rompesse a “bolha” que antes parecia intocável e superasse os desafios impostos pela sua condição de empreendedor negro. Ou seja, ainda que haja uma dificuldade de acesso aos estudos para esses indivíduos, pretos e pardos encontram na qualificação a possibilidade de lutar contra as estatísticas e estereótipos que lhes são atribuídos.

Contribuindo para essa análise, quando questionado sobre as estratégias utilizadas para contornar os desafios impostos, a Entrevistada 9 afirmou que indivíduos negros ou pardos buscam amparo através da educação. Estudar é um dos caminhos encontrados para superar as adversidades que surgem durante a trajetória empreendedora. Além disso, ressalta que ser “bom no que faz” não é suficiente para se destacar. O empreendedor negro precisa estar em constante aprendizado, especializando-se, para que seu serviço seja valorizado de forma igualitária, mesmo que um concorrente apresente um serviço inferior.

Acho que eu e que muitas pessoas negras fazem, né? Estudando. Mostrando que a gente sabe o que a gente faz. Mostrando credibilidade no que a gente faz. Trazendo diferenciais, não fazendo mais do mesmo, porque, pra gente destacar, sendo bom já é difícil. Então, se você for mediano, se você fizer o que todo mundo faz, aí que você não vai conseguir romper essa bolha do conceito. E eu sei que, ainda assim, em algum momento isso não vai ser suficiente, mas é o que eu faço aqui. Eu estudo, eu me especializo (ENTREVISTADA 9, mulher, 27 anos, 2023).

Com base no exposto, é possível afirmar que os empreendedores negros precisam oferecer um serviço de qualidade superior ao de seus concorrentes brancos para obter o mesmo reconhecimento. Contudo, a entrega de maior qualidade nem sempre é suficiente em comparação a um concorrente branco. Conforme os estudos de Maringoni (2011) acerca da desigualdade racial, isso pode ocorrer devido à existência de preconceitos e estereótipos raciais

enraizados na sociedade, que afetam a percepção do público em relação à qualidade do trabalho do empreendedor negro, que chamamos de racismo estrutural.

Além disso, acredita-se que o autoconhecimento possa ser uma ferramenta valiosa para lidar com os desafios impostos aos empreendedores negros. Segundo a Entrevistada 8, conhecer a si mesmo permite enfrentar as diversas situações que surgem ao longo da jornada empreendedora.

Não abrir mão da minha essência, dos meus princípios, dos meus valores. Porque vai chegar a hora que você vai ser, sabe, convidado a alterar a sua essência pra entrar em um padrão inalcançável que às vezes você nem concorda, mas pela oportunidade você abre mão dos seus valores pra você conseguir algumas coisas. Esse convite é diário, sabe, de romper os seus princípios. Então, eu acredito que cada pessoa tem princípios e valores que ela preza. É isso que me blinda, sabe? (ENTREVISTADA 8, mulher, 46 anos, 2023).

A Entrevistada 8 enfatiza a necessidade de “não abrir mão da própria essência”, dos princípios e valores que cada pessoa carrega consigo. No entanto, torna-se fundamental lembrar que, os valores fazem parte integral da identidade de cada indivíduo e se faz importante que se busque o autoconhecimento para que não se perca durante a trajetória empreendedora. Nesse sentido, os desafios impostos ferem, potencialmente, a individualidade do ser.

Em contrapartida, uma das entrevistadas desta amostra apontou que, por mais que se tente, ainda não conseguiu encontrar uma maneira de driblar os desafios impostos em decorrência da raça.

Olha eu ainda não sei se a gente dribla, sabe? Acho que tô ainda cada dia me desafiando, [...] eu tenho dificuldade de ter novos clientes, tenho muita dificuldade e é aquela coisa você tem que ir no cliente você tem que se arrumar em dobro, o seu cuidado ele tem que ser muito maior do que o de pessoas brancas que estão no mercado e mesmo assim ainda é muito difícil, você se impor o tempo todo é muito difícil, mas aí a gente vai se impondo tentando da forma que dá mas eu acho que a gente não dribla totalmente eu acho que a gente vive se desafiando (ENTREVISTADA 6, mulher, 38 anos, 2023).

O empreendedorismo negro no Brasil enfrenta inúmeros desafios e muitos deles relacionados à questão racial. O trecho supracitado permite concluir que, mesmo com a busca por conhecimento e aprimoramento constante, é difícil driblar totalmente os obstáculos impostos. Percebe-se que se trata de uma realidade em que empreendedores negros precisam se impor mais do que empreendedores brancos para alcançar o mesmo reconhecimento e sucesso no mercado. A pesquisa conduzida pelo GEM (2017) com o objetivo de comparar os rendimentos de empreendedores negros e brancos confirma essa disparidade, ao constatar que os empreendedores negros possuem rendimentos inferiores a empreendedores brancos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população negra enfrenta desafios potencializados devido à sua cor de pele e, muitas vezes, esses desafios refletem-se na falta de oportunidades e acesso ao mercado de trabalho. Segundo Oliveira Júnior e Pesseti (2020) e Monteiro (2001), para essa população, o empreendedorismo surge não apenas como uma ferramenta de combate à desigualdade socioeconômica e racial, mas também como uma forma de valorização da identidade negra.

Ao se investigar a trajetória profissional da amostra estudada, verificou-se que seis entrevistados possuíam experiência prévia no mercado de trabalho, enquanto três não tinham experiência antes de iniciar seu negócio. Todos os entrevistados começaram suas trajetórias

profissionais em idade jovem, seja em regime CLT ou em atividades empreendedoras. Com isso, procurou-se conhecer o que levou esses indivíduos a optarem pelo empreendedorismo. Vários fatores influenciaram a decisão da amostra de iniciar uma atividade empreendedora. Entre esses fatores, destaca-se a insatisfação com o mercado de trabalho e a oportunidade de ser dono do próprio negócio, assim como o incremento da renda que não era suficiente para atender às despesas pessoais. Além disso, a possibilidade de sonhar e alcançar conquistas pessoais, como casa, viagens, conhecimento, etc. foi um elemento motivador.

Entre as principais dificuldades enfrentadas para superar os desafios no processo de criação e gestão do próprio negócio, os empreendedores negros destacaram: (1) dificuldade em alcançar o público-alvo de negócio; (2) baixo conhecimento técnico; (3) dificuldades em gerir o próprio negócio e; (4) falta de capital. Essas dificuldades são previstas na literatura, conforme apontam Rocha (2016), Dornelas (2008) e Monteiro (2001). Vale ressaltar que qualquer iniciativa empreendedora apresenta desafios, no entanto, de acordo com Campos (2018), para indivíduos pretos e pardos, essas dificuldades são historicamente potencializadas em decorrência de sua cor de pele.

A literatura aponta a busca por conhecimento como uma ferramenta de combate aos desafios impostos aos empreendedores ao iniciarem seus negócios (CUNHA; SILVA; YAMAGUCHI, 2011). Entre as principais estratégias adotadas pela amostra, destacam-se: (1) busca por conhecimento e; (2) enfrentamento das adversidades. Além disso, foram mencionadas outras estratégias, como preocupação com a imagem pessoal, terapia e a importância de se conhecer. A partir dessas estratégias, os empreendedores negros entrevistados conseguiram superar os desafios impostos a eles em sua trajetória empreendedora devido à sua raça.

Embora os objetivos propostos tenham sido alcançados, ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, a pequena quantidade de respondentes é um fator limitante. Ademais, por se tratar de um tema pouco explorado, não se tem a pretensão de esgotar o debate sobre o Empreendedorismo Negro. Dessa maneira, sugere-se a realização de pesquisas futuras que possam avançar no debate aqui proposto. Entre as possibilidades, destaca-se o aprofundamento da discussão acerca da reprodução do racismo estrutural por empreendedores pretos e pardos.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Heraldo Márcio; NASSIF, Vânia Maria Jorge; GARÇON, Márcia Maria. EMPREENDEDORAS NEGRAS NO BRASIL – UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE ADVERSIDADES E SUPERAÇÃO. **South American Development Society Journal**, v. 8, n. 23, p. 237, set. 2021. ISSN 2446-5763. Disponível em: <<http://www.sadsj.org/index.php/revista/article/view/515>>. Acesso em: 10 de out. 2022.
- AGUIAR, M. M. A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**, Uberlândia-MG, ano 20, n. 36/37, p. 83-88, 2007 Disponível em: <<https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/NEAB/AGUIAR-%20MARCIO.%20A%20construcao%20das%20hierarquias%20sociais%20classe-%20raca-%20genero%20e%20etnicidade.pdf>> Acesso em 24 de set 2022
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural** São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. Disponível em: https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos_-_silvio_luiz_de_almeida.pdf. Acesso em: 07 de out 2022.
- BOAVA, Diego Luiz Teixeira; MACEDO, Fernanda Maria Felício. Constituição ontoteleológica do empreendedorismo. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓSGRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 31., 2007, Rio de

Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2007. Disponível em: <http://anpad.com.br/pt_br/index.> Acesso em 03 de set. 2022.

BRASIL. Secretaria Especial de Produtividade e Competitividade (). **Mais de 1,3 milhão de empresas são criadas no país em quatro meses.** Brasília: Ministério da Economia, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2022/julho/mais-de-1-3-milhao-de-empresas-sao-criadas-no-pais-em-quatro-meses>. Acesso em: 15 dez. 2022.

CAMPOS, Amanda Alves. **A valorização do negro no Brasil e o afroempreendedorismo.** 2018. 28 f. Monografia (Graduação em Administração) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana-MG, 2018. Disponível em: <https://www.monografias.ufop.br/handle/35400000/1180> Acesso em 10 de set 2022.

CONCEIÇÃO, Eliane Barbosa da. Superando as desigualdades raciais: uma análise das principais políticas públicas. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, São Paulo, v. 15, n. 56, p. 85-108, jan. 2010. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cgpc/article/view/3204>. Acesso em: 18 set. 2022.

CUNHA, Caroline Valquiria Moura da; SILVA, Mayara Vieira da; YAMAGUCHI, Nathalia Midori. Empreendedorismo: histórias que motivam, despertam e encantam. **Anuário da Produção Acadêmica Docente**, São Paulo, v. 5, n. 12, p. 165-182, nov. 2011. Disponível em: <https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/1465/1/Artigo%2011.pdf>. Acesso em 06 de out 2022.

DORNELAS, José C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios.** Rio de Janeiro: Campus, 2008.

FUNASA. Fundação Nacional de Saúde. **Saúde da população negra no Brasil: contribuições para a promoção da equidade** Brasília: Funasa, 2005. Disponível em: http://www.funasa.gov.br/biblioteca-eletronica/publicacoes/estudos-e-pesquisas1/-/asset_publisher/qGiy9skHw4ar/content/saude-da-populacao-negra-no-brasil?inheritRedirect=false. Acesso em 20 de set 2022.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM). **Empreendedorismo no Brasil.** Curitiba: IBPQ, 2018. 174 p. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Empreendedorismo%20no%20BRASIL%202017.pdf>. Acesso em: 14 de out. 2022.

_____. **Empreendedorismo no Brasil.** Curitiba: IBPQ, 2019. 174 p. Disponível em: <https://ibqp.org.br/PDF%20GEM/Livro%20Empreendedorismo%20no%20Brasil%20-%20web%20compactado.pdf>. Acesso em: 07 de out. 2022.

_____. **Empreendedorismo no Brasil.** Curitiba: IBPQ, 2021. 190 p. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/gem-livro-2020/gem-livro-empreendedorismo-no-brasil-2020-web-1-compactado-compactado/>. Acesso em: 14 de out. 2022.

GOMES, A. F. **Ação empreendedora e relações de gênero: um estudo multicase na cidade de Vitória da Conquista, Bahia.** 2010. 440 p. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal de Lavras, Lavras-MG, 2010. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/handle/1/2754>. Acesso em: 22 de out 2022.

HENRIQUES, Ricardo. **Desigualdade racial no Brasil: Evolução das condições de vida na década de 90.** Rio de Janeiro: IPEA, 2001. 54 f. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/1968> Acesso em 20 de set. 2022.

HOFBAUER, Andreas. O conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX - Bases ideológicas do racismo brasileiro. 2003. **Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política**, São Carlos-SP, v. 1, n. 42, p. 63-110, jan.-jul. 2003. Disponível em: https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=de&user=Yt1LZ38AAA&AJ&citation_for_view=Yt1LZ38AAA&AJ:d1gkVwhDpl0C Acesso em 19 de set. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2021a Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo>. Acesso em 11 de set 2022.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** Rio de Janeiro: IBGE, 2021b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo>. Acesso em 11 de set 2022.

_____. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em 15 de set 2022.

_____. **Regiões de influência das cidades (REGIC)**: 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101728.pdf>. Acesso em: maio de 2023.

_____. **IBGE Cidades**: Vitória da Conquista Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/panorama>. Acesso em: maio de 2023.

JULIEN, Pierre-André. **Empreendedorismo regional e economia do conhecimento**. São Paulo: Saraiva, 2010.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARINGONI, Gilberto. História: O destino dos negros após a Abolição. **Desafios do Desenvolvimento**, Brasília, ano 8, ed. 70, 2011. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28. Acesso em: 13 de set 2022.

MARTES, Ana Cristina Braga. Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 254-270, jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/J34vkgf9BK7BSN4WgYYvspK/?lang=pt>. Acesso em: 14 de set. 2022.

MONTEIRO, Jorge Aparecido. **O empresário negro brasileiro**: histórias de vida e trajetória de sucesso em busca de afirmação social. Rio de Janeiro: Prod. Ed Independente. 2001. 206p.

NASCIMENTO, Eliane Quintiliano. Afroempreendedorismo como estratégia de inclusão socioeconômica. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 3., 2018, Vitória-ES. **Anais...** Vitória-ES: PGCS/UFES, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/scs/article/download/21718/14416/62901>. Acesso em 02 de set. 2022.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia Usp**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 89-98, mar. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/kQXPLsM8KBkZYSBTnTGhvmj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2022.

OLIVEIRA JÚNIOR, Antonio Benedito de; PESSETI, Angelica de Oliveira. Empreendedorismo Negro: Empoderamento, Identidade e Nicho de Mercado. In: XLIV ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓSGRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 44., 2020. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2020. Disponível em: <http://anpad.com.br/pt_br/index>. Acesso em 05 de set. 2022.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração. Catalão: UFG, 2011. 72 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/567/o/Manual_de_metodologia_cientifica_-_Prof_Maxwell.pdf. Acesso em: 07 de out 2022.

OSORIO, Rafael Guerreiro. **A desigualdade racial no Brasil nas três últimas décadas**. Brasília: IPEA, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10623>. Acesso em: 19 de set 2022.

PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio. **Raça novas perspectivas antropológicas**. 2. ed. Salvador: Edufba, 2008. 447 p. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/3tqqd>. Acesso em: 06 set. 2022.

PMVC. PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA. **Economia**. Vitória da Conquista: PMVC, 2023. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/economia/>. Acesso em: abril de 2023.

PINTO, Fernando. **Fala aê, mestre: a população negra no Brasil e o acesso igualitário no SUS**. Brasília: FIOCRUZ, 2021. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/fala-ae-mestre-a-populacao-negra-no-brasil-e-o-acesso-igualitario-no-sus/>. Acesso em: 30 set. 2022.

ROCHA, Estevão Lima de Carvalho. Oportunidade ou necessidade? Um estudo do impacto do empreendedorismo no desenvolvimento econômico. **Revista Gestão em Análise**, Fortaleza, v. 3, n. 1/2, p. 31, 5 abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/gestao/article/view/146>. Acesso em: 08 out. 2022.

SCHUMPETER, Joseph. "O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico". In: _____. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985.

SEBRAE. **Os Donos de Negócio no Brasil: análise por raça/cor**. Brasília: Sebrae, 2013. 36 p. Disponível em: https://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/DN_Ra%C3%A7a_Cor.pdf. Acesso em: 11 out. 2022.

_____. **Brasil alcança recorde de novos negócios, com quase 4 milhões de MPE**. 2021. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ma/noticias/brasil-alcanca-recorde-de-novos-negocios-com-quase-4-milhoes-de-mpe,b7e02a013f80f710VgnVCM100000d701210aRCRD>. Acesso em: 11 out. 2022.

SILVA, Gleicy Mailly da. **Empreendimentos sociais, negócios culturais: uma etnografia das relações entre economia e política a partir da feira preta em São Paulo**. 2017. 290 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-06022017-113032/publico/2017_GleicyMaillyDaSilva_VCorr.pdf. Acesso em: 07 out. 2022.

SOUZA, Jessé. Raça ou classe? Sobre a desigualdade brasileira. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, Brasília, n. 65, p. 43-69, ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/s86jxqzZhKNHy9XXCJJgdVw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2022.

THEODORO, Mário; JACCOUD, Luciana; OSÓRIO Rafael G.; SOARES, Sergei. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. 1ª Edição. Brasília: IPEA, 2008. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=788. Acesso em 15 de set 2022.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos. Empreendedor: origens, concepções teóricas, dispersão e integração. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 6, p. 874-891, dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/s8SRpzv4FFtYZWfCqLn7kyn/?lang=pt>. Acesso em: 04 out. 2022.

YIN, Robert K. **Estudos de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p. Disponível em: http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/attach/74440967/3-YIN-desenho%20e%20metodo_Pesquisa%20Estudo%20de%20Caso.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 563-578, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/Qnm4D67j4Ppztvz3tfb4kwx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2022.